



BLUMENAU

em **CADERNOS.**

TOMO III - Nº8

AGOSTO

1960

**CIA. HEMMER INDÚSTRIA
E COMÉRCIO**

**Fábrica de Conservas
Mostarda e Vinagre**

FÁBRICAS EM BADENFURT

E PENHA

COMÉRCIO POR GROSSO:

RUA SÃO PAULO, 2471 — FONE: 1385 — CAIXA POSTAL, 169

B L U M E N A U

SANTA CATARINA

BLUMENAU **em CADERNOS**

Tomo III

AGÔSTO DE 1960

N.º 8

SALVE, Brusque!

O mês de agosto de 1960 é de festas para a laboriosa população do município de Brusque. Marca, o dia 4 deste mês, a passagem do primeiro centenário da sua fundação.

Grandes solenidades foram preparadas para comemorar, condignamente, a chegada, há um século atrás, do barão von Schneeberg e dos dez chefes de família que, no lugar Vicente Só, dariam início aos trabalhos da fundação do povoado que é hoje, a rica e próspera cidade de Brusque.

Gente dotada de grande capacidade de trabalho, de espírito de renúncia, de iniciativa, os colonos de Schneeberg enfrentaram, valorosamente, as mil e uma contrariedades que se lhes antepuzeram ao propósito de domar a mata virgem, impenetrável quase, de transformá-la em searas, em fontes de inesgotável riqueza para o próprio bem-estar e a grandeza do Brasil.

Que vitória das mais brilhantes coroou os seus esforços, está aí Brusque de hoje, engalanada e feliz, para dizê-lo. Justo prêmio dos sacrifícios e das verdadeiras tribulações sofridas pelos que enfrentaram, por primeiro, a agressividade do meio e venceram com a persistência e a tenacidade de verdadeiros heróis, os percalços sem conta, aí estão uma cidade e um município maravilhosos, estuantes de vida e de atividade fecunda, uma comuna de que o Brasil pode, justamente, se orgulhar.

“Blumenau em Cadernos” sente-se feliz em poder congratular-se com as autoridades e o povo de Brusque, pela magna efeméride, aos quais apresenta os seus calorosos parabéns, os seus votos mui sinceros para que continuem, como até aqui, a zelar pelo patrimônio material e cultural que os seus maiores lhes legaram, redobrando fôrças e iniciativas no sentido de tornar, sempre maior e mais gloriosa a terra que foi o berço da fiação catarinense e é dos mais ricos empórios industriais do país.

SALVE, BRUSQUE CENTENÁRIA!

BRUSQUE - CENTENÁRIA

Sebastião CRUZ

Em sua falla dirigida à Assembléa Legislativa Provincial, o Presidente da Provincia Vicente Pires da Motta, em 2 de Março de 1862, communicava que "no dia 4 de Agosto do ano antepassado (1860) foi fundada a Colônia Brusque, na margem esquerda do rio Itajahy Mirim, pelo illustre antecessor o Exmo. Sr. Dr. Francisco Carlos d'Araujo Brusque". E prossegue: "A Colônia conta hoje em si 200 fogos com 727 colonos, distribuidos por 197 famílias. Contém sua área 36.000.000 (sic) de braças quadradas divididas em 114 prasos primários, dos quaes 72 foram subdivididos em 181 lotes; acham-se cultivadas 543.000 braças quadradas. Na sede da Colonia existem 28 fogos habitados por 39 pessoas e já tem algumas pequenas casas de negocio. Celebraram-se 18 casamentos desde o periodo da fundação e ausentaram-se 36 colonos. Existem por ora 5 padarias e 7 vendas ou armazem, várias indústrias são exercidas em pequena escala, fabricam-se já bastantes charutos para o consumo da Colonia, com fumo próprio. O movimento commercial tem sido, como é fácil de prever, apenas, de importação. Passam por ela 4 vias de comunicação, bem regulares e inteiramente povoadas de ambos os lados pelos colonos. Uma das necessidades que sente-se na Colonia é a abertura de uma estrada que ligue-a com a Vila de Itajahy, afim de facilitar as comunicações diárias entre estes dous pontos, como exige a circunstância de ser o último o mercado mais importante que tem junto de si onde vão os colonos suprir-se do necessário."

Logo a seguir, em 1863, um mais completo relato, sôbre a colônia de Brusque, encontramos na prestação de contas que o Presidente da Provincia Pedro Leitão da Cunha, ao passar o govêrno, fez ao Vice Presidente Comendador Francisco José de Oliveira, datado de 19 de Dezembro de 1863, descrevendo uma visita que fez a Brusque nos últimos dias de seu Govêrno (6-12-1863).

Inicia dizendo que a Colônia de Brusque, creada pelo aviso de 18 de Junho de 1860, com a área de 43.000.000 (sic) de braças quadradas, quando a visitou já contava com 966.000 braças quadradas cultivadas e 216.000 em derrubadas. A população era de 938 colonos alemães que pareciam morigerados e industriosos, principalmente os de Holstein e da Bavária, dos quais 659 eram católicos e 279 protestantes. Havia 146 casas provisórias, construidas de gissara e 72 de madeira, todas cobertas de palha. Em 1863, nasceram 59 pessoas e faleceram 13. Localidade sadia, tanto que não encontrou ninguém doente. Verificou existirem 3 ferreiros, 2 padeiros, 5 sapateiros, 8 alfaiates, 3 moleiros, 1 curtidor, 2 marceneiros, 2 carpinteiros de obras comuns e 2 de carros, 2 serralheiros, 2 charuteiros, 1 jardineiro, 1 carnicheiro e 2 pedreiros.

Na ocasião havia em Brusque, 4 fábricas (sic) de cerveja de açúcar e lúpulo que produziam 5.000 garrafas por ano, 1 de vinagre produzindo 10 barris anualmente, 2 casas de pasto, 7 tabernas, 4 casas de negócio, 15 canoas e 5 lanchas pertencentes aos colonos.

O presidente manifestou grande satisfação ao ver florescendo em terras de um só colono vegetais de cultura brasileira e européa: fumo, café, cana, algodão, milho ao lado do trigo comum e sarraceno, do linho, da cevada, do centeio e árvores frutíferas em grande número. Notou que os colonos apreciavam muito o taiá que diziam imitar o espinafre. O terreno, pouco aciditado, revelava-se fortíssimo, com raras pedras o que com o correr dos anos, apodrecidas as raizes das grandes árvores derrubadas, facilitaria o emprêgo de arados. De boa qualidade os produtos da colônia. O fumo, o melhor da provincia, era o único produto que a colônia exportava (312 arrobas em folha e 48.000 charutos, para uma colheita de 524 arrobas em 1862). Comparava a batata brusquense, à de Jersey. Produziu-se ainda, em 1862: 497 arrobas de açúcar; 51 barris de aguardente; 529 alqueires de farinha de mandioca; 4.378 alqueires de milho; 737 de feijão; 3.256 de tubérculos diversos e 1.013 de arroz. Havia na colônia, 1 engenho de mandioca, movido a boi, 3 ditos movidos por água para fubá de milho e de arroz, 2 engenhocas de mão para fubá, 4 engenhos de cana movido a boi, 2 empregando um mesmo motor para fabricação de farinha de mandioca e oito do mesmo mister, movidos à mão.

Informava ainda o relato que a importação consistia de gêneros alimentícios, ferragens, louças e fazendas, atingindo êsses 3 últimos artigos o valor de Cr\$ 1.550,00 e que o Governo Imperial já havia despendido em subsídio aos colonos, Cr\$ 56.307,09.

Dizia ainda que havia escolhido o local para a construção do templo católico, pois que encontrou a séde da colônia sem templos para a celebração de atos religiosos — católico e protestante. Na falta dêsses templos, os colonos haviam construído 4 capelas católicas e 1 protestante, todas de gissara e cobertas de palha, onde oravam aos domingos e dias santos. Não havia Padres, nem Pastores.

A melhor casa da séde era a da escola pública, para ambos os sexos (aos Domingos e dias santos, funcionavam mais 5 escolas gratuitas, com frequência média de 30 a 50 crianças). A casa da Diretoria da Colônia, era uma palhoça construída de madeira e coberta de palha.

Não havia na Colônia de Brusque, nem médico, nem hospital, nem farmácia. A Diretoria supria, ordinariamente, para a cura do mal da terra, a moléstia mais comum na região, os remédios. O presidente Pedro Leitão da Cunha, logo que chegou de volta à capital, fez seguir, para Brusque, um médico, levando medicamentos. Também mandou 12 soldados sob o comando de um oficial, para garantia dos colonos que, mesmo durante a visita presidencial, foram atacados pelos bugres, nas imediações de Águas Claras, onde viviam muitos dêles.

Faz, a seguir, o relato presidencial, referências às dificuldades com que lutava a Colônia de Brusque, quanto às vias de comunicações — terrestre e fluvial. Transcreve textualmente o pesar que os colonos lhe manifestavam pessoalmente: "Seríamos muito felizes se tivéssemos uma estrada. Não sabemos como dispôr da abundante colheita de milho e tabaco que Deus nos concedeu êste ano".

"Havia apenas uma picada, embaraçada a cada passo por troncos de raízes, árvores inclinadas e caídas, espinheiros, caldeirões, lamaçais e toda sorte de obstáculos ruins, a ponto de ser, por meus guias, práticos do lugar, mais de uma vez confundido com os caminhos de arrastar madeira de serrarias vizinhas."

O rio, em sua maior extensão, era atravancado por infinidade de árvores e raízes; ora sêco, de modo a permitir apenas a navegação de pequenas canôas, ora cheio e com tão impetuosa corrente, que impossibilitava tôda navegação contra ela e faz referência às duas terríveis enchentes de Fevereiro de 1861 e de Agosto de 1862, sem que isto deixasse de se levar em consideração a importância para o desenvolvimento da colnia que tinha o Rio Itajaí Mirim, uma vez protegido e franco à navegação, principalmente para o comêrcio de madeira, pois que nas margens do mesmo rio haviam instalado 10 serrarias até a séde da colônia e 4 acima da séde, tocadas hidrâulicamente, serrando grande quantidade de cedro, canela, peroba e óleo. O melhoramento da via fluvial, se bem que difícil, poderia ser facilitada, no seu trânsito, com a limpeza do rio de árvores e raízes e, ao mesmo tempo, diminuir a violência das inundações, o grande flagelo da colônia que, em 3 anos de existência, sofreu as duas calamitosas cheias.

Quanto à via terrestre, cita, ainda, o ilustre e ativo Presidente, a opinião do 1.º Tenente Engenheiro André Pinto Rebouças, sôbre a construção de uma estrada de rodagem da Vila de Itajaí à Colônia de Brusque a qual "não apresenta dificuldade alguma notável. Sua extensão, segundo medições feitas, não excede de 9 léguas; o vale é bastante largo e mui pouco acidentado. O solo fácil de ser movido ao passo que suficiente consistência para pôr em boas circunstâncias os trabalhos de terra. A única condição mais difícil, na opinião do Engenheiro Rebouças, que será preciso satisfazer, é colocar a estrada fora do alcance das inundações o que se poderá conseguir construindo-se quase tôda em atêrro que servirá de dique às águas do rio e protegerá, também, das inundações os terrenos próximos. Sem obter esta última e importante vantagem, diz ainda o Eng. Rebouças, poder-se-á, igualmente, livrar a estrada das inundações, colocando-a sôbre as encostas das doces colinas que limitam o vale."

* * *

A estrada da Colônia de Brusque à Vila de Itajaí foi construída sob a Direção do Engenheiro Dr. Luiz Betim Paes Leme, concluída em 1874 (Falla diri-

gida à Assembléa Legislativa Provincial pelo Presidente da Província Dr. João Thomé da Silva, em 25 de Março de 1874). O Dr. Luiz Betim Paes Leme, era justamente o Diretor, na ocasião, da Colônia de Brusque (Freguesia de São Luís, do Município de Itajaí) que compreendia as Colônias de Itajaí e Príncipe Dom Pedro, cuja situação e condições retratou muito bem em um relato-estatístico referente ao ano de 1873, quando informou que o Ajudante do Diretor da Colônia era o sr. Antonio Thomé da Silva, Guarda Livros, o sr. Maximiliano von Borowski, Médico, o Dr. Hartvigo Rambusch, Agrimensor, e Delegado o Sr. Germano A. Thiemé, Capelão e Professor Público, Alberto Gatone, Pastor, Henrique Sandrewski, Inspetor de Estradas, Paulo Schwarzer, Condutor de Mala, Jacob Galle e mais sete professores particulares, subvencionados pelo Governo, sendo Professora efetiva, Sophia Augusta von Knorring.

Já então a colônia se desenvolvia francamente, contando com 183.162 metros de caminhos vicinais. A população era de 2.505 no total, sendo 1.343 homens e 1.162 mulheres. 1.509 católicos e 996 protestantes. Alemães na maioria com cerca de 200 brasileiros e alguns portugueses, franceses, ingleses e suíços. 200 trabalhavam em engenhos de serra, e havia 8 carpinteiros, 5 pedreiros, 8 marceneiros, 6 ferreiros, 1 curtidor, 4 mineiros, 14 sapateiros, 11 alfaiates, 4 jardineiros, 12 charuteiros, 4 padeiros, 2 carpinteiros de carros, 1 funileiro, 1 tanoeiro, 4 serralheiros, 7 músicos, 6 oleiros, 1 barbeiro, 2 canteiros, 1 seleiro, 6 negociantes, 2 parteiras. As casas de negócio eram 6 e 4 hospedarias. Na sede da Colônia eram 54 casas de boa construção e nos lotes rústicos, 422 casas, algumas cobertas de telhas. Os edifícios públicos eram: a capela católica, na sede e duas capelas católicas no distrito de Guabirota e ainda na sede, uma casa de orações para os Protestantes, 4 casas para escola no interior da colônia, uma pequena casa de recepção e uma para cadeia. Construía-se na ocasião, a Igreja Matriz, a casa da Diretoria e duas casas para escolas. Na zona rural funcionavam pequenos engenhos movidos por animais, sendo 34 de cana, 34 alambiques, 22 de farinha de mandioca, 11 de fubá e 3 para socar arroz. O produto da lavoura em cereais só dava para o consumo da colônia que crescia, tendo recebido naquele ano 339 imigrantes. Computadas como fábricas existiam 4 olarias (telhas e tijolos), 2 fábricas de cervejas, 5 de charutos e 3 padarias, além de 18 engenhos de serra que produziram naquele ano 16.000 dúzias de madeira, do que foram exportadas no valor de Cr\$ 100.000,00, além do fumo e charutos em pequena escala. Havia ainda, 420 cavalos, 900 cabeças de gado vacum, 77 cabras, 2.000 suínos e 8.000 aves domésticas. Florescia a criação de abelhas, com 300 colmeias. Funcionavam duas balsas no Rio Itajaí Mirim e trafegavam 3 lanchas e 10 canoas.

A Colônia Príncipe D. Pedro, fundada em 15 de Fevereiro de 1867 — formada na sua maior parte por Irlandeses vindos dos Estados Unidos da América do Norte, sem prática de trabalhos agrícolas e sem amor ao trabalho, abandonando os lotes coloniais que recebiam, exigindo serviços de renumeração fácil e imediata, assim informava o Presidente da Província Dr. Carlos Augusto Ferraz de Abreu — Relatório de 2 de Abril de 1869 — (Manoel Moreira da Silva, era o Diretor desta Colônia) — juntamente com a Colônia de Itajaí, pela lei n.º 693, de 31 de Julho de 1873, desmembradas da Freguesia do SS. Sacramento de Itajaí, passaram a formar uma nova Freguesia, com a denominação de São Luiz Gonzaga (Brusque passou à Vila, com a criação do Município pela Lei n.º 920, de 23-3-1881 e Comarca pela Lei n.º 16, de 3-11-1891).

A Colônia de Brusque que em 1871, como vimos, só produzia para seu suprimento de gêneros alimentícios, com o grande fluxo de colonos, de um ordenado desenvolvimento passou a ser atabalhoado, com a entrada de colonos de origem italiana em grande quantidade e que em grande parte não se fixava na terra, pois que faziam das facilidades que o Governo oferecia, um trampolim para irem para Argentina e Uruguai — Relatório do Major Dr. Alfredo d'Escragno Taunay, de 2-1-1877 — ao passar a Presidência da Província. Dizendo que os barracões de recepção ficavam atulhados de imigrantes, por longos meses, empregados como jornaleiros no serviço de estradas. Eram centenas sustentados pelos cofres públicos, com grande perturbação para a economia, inclusive para a própria Colônia. Esses colonos eram de origem italiana e tirolesa, demonstrando "gênio turbulento e exigente". Tudo isto consequência do famoso contrato 'Caetano Pinto', com promessas verdadeiramente irrealizáveis, e que "lan-

çavam os imigrantes no desespero e furor, em não vê-las cumpridas". Era o contrato assinado por um tal Badin, de Marselha (França) em que trazia impressas em destaque a frase: "OGNI COLONO AVRÁ DIRITTO A SEI MESI DI VITTO ED'ALLOGIO GRATIS". Assim era fácil de obtê-los em quantidade, ainda mais que nessas condições encontravam meios fáceis, por conta do Brasil, de irem colonizar o Rio da Prata. Recebiam os auxílios em dinheiro, com o qual compravam passagem para Montevidéu ou Buenos Aires. Conta o sr. Presidente da Província que só de uma vez constatou na Capital, 49 colonos dêsses à espera para tomar o vapor. Outro mal dos referidos contratos era que, aos colonos, ficava reservado o direito, a seu critério, aceitar ou não o lote que lhe havia sido apresentado. E não havia lote que servisse. Mesmo os que aceitavam os lotes, por desconhecimento do trato da terra, faziam a desmatação a esmo. Vinham as chuvas e enchentes para carregarem o humus fecundo e o abandono da terra encontrava mais uma justificativa.

O Dr. Olimpio Adolfo de Souza Pitanga, então Diretor da Colônia (1877) meteu mãos a um trabalho ativo e fecundo, corrigindo e saneando os males acima apontados, fazendo Brusque desenvolver-se com bases sólidas, para que agora, fruto do trabalho de seus pioneiros e de seus filhos, possa, com justo orgulho, festejar condignamente o seu centenário de fundação.



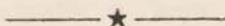
DESDE os primórdios da colonização de Blumenau, os seus dirigentes dedicaram o máximo empenho no ensino do vernáculo nas escolas.

Mas, sendo os professores também alemães, tornavam-se quase que "pregadores no deserto". Não desanimavam, entretanto e, para facilitar o ensino, traduziam o texto de canções prediletas dos alunos, ou aproveitando melodias conhecidas para nova letra, que os alunos cantavam com entusiasmo.

Dessa forma, quando filhos e netos dêsses alunos, mais tarde, estranhavam a ignorância dos seus maiores, no tocante à língua do país, êstes defendiam-se dizendo que haviam aprendido, sim, o português na escola, mas só não puderam praticá-lo, porque aqui só viviam alemães e seus descendentes, e assim foram esquecendo o vocabulário que haviam decorado. Recordavam-se, entretanto, do texto das canções, que cantolavam para comprovar a afirmação, como por exemplo esta:

"Hoje à tarde, vamos brincar
Correr à roda, com grande júbilo!
Hoje à tarde, vamos brincar"

Divertido com o pesado sotaque, um neto lembrou-se, certo dia, de perguntar à avó se sabia o significado da letra. Ela, prontamente, repetiu o sentido em alemão: "À tardinha, vamos brincar de correr em círculo, com um grande guarda-chuva". É que aquela senhora pronunciava "júbilo" como "chúbilo" e, a palavra "chuva" fôra um dos termos que assimilára e, assim, ela relacionára os sentidos dos dois vocábulos, deleitando-se com a idéia de tão sugestiva brincadeira. Mas ficou decepcionada quando lhe deram a tradução certa.



A 8 de agosto de 1892, o distrito de Nova Trento é elevado à categoria de município, pela lei n.º 36. A sede da colônia foi elevada à categoria de vila.

A Família Renaux

Esta fotografia, colhida em outubro de 1942, foi uma das últimas do cônsul Carlos Renaux, que faleceu em Brusque em 1945. Manteve-se em grande atividade, mesmo quando afastado da direção de suas grandes indústrias, até o fim de sua proveitosa existência. Os assuntos relativos às obras de benemerência em que se ocupava; às instituições que protegia, tomavam-lhe grande parte do seu tempo. Atendia a quantos o procuravam, e apesar da sua surdez, que o obrigava ao uso de uma trompa, escutava, pacientemente, os que iam em busca de algum auxílio. Espalhou benefícios por toda parte e Brusque, principalmente, deve-lhe muito do seu progresso e da sua riqueza. Sua memória é objeto de geral veneração, sintetizando a lembrança de um ente que soube empregar dignamente a fortuna com que a Providência o cumulava.



Brusque, que completa, neste mês, o centenário da sua fundação, muito deve à figura impressionante do Cônsul CARLOS RENAUX, pelos extraordinários serviços por ele prestado à coletividade. No número 7, do primeiro tomo, destes "Cadernos" (maio de 1958) traçamos o perfil desse industrial, trabalhador infatigável, que se distinguiu pelo grande amor ao município, que escolheu para centro de suas atividades criadoras e ao qual não regateou auxílios materiais, nem apoio moral. Suas indústrias prosperaram com os seus descendentes, com as numerosas instituições que criou, ou de que se fez patrono.

Assim, não apenas como uma homenagem à memória desse pioneiro da indústria de fiação em Santa Catarina, como num preito de justiça aos continuadores da sua obra, grandemente útil ao en-

riquecimento do país, mas, também no interesse da história da própria colonização do Vale do Itajaí, de que Brusque é parte muito significativa, apresentaremos a árvore genealógica do Cônsul CARLOS RENAUX, tronco do ramo brasileiro de tradicional família européia.

O cônsul CARLOS RENAUX, como se sabe, casou-se, em primeiras núpcias, com dona Selma Wagner, em 1884, havendo, desse consórcio, onze filhos: Max, Sofia, Maria, Oto, Oscar, Carlos, Júlio, Carlos, Paulo, Luis, Guilherme e Selma. O primeiro, MAX, nascido a 4 de setembro de 1884, faleceu a 13 do mesmo mês. SOFIA, nascida a 23 de setembro de 1885, casou-se com sr. Bauer e teve seis filhos. MARIA, casou-se com o sr. Bueckmann e teve dois filhos: Erich e Hildegard. OTTO, também teve dois filhos de seu casamento; OSCAR, nascido a

10 de março de 1889, faleceu no dia 23 de julho do mesmo ano. **CARLOS JÚLIO**, nascido a 16 de julho de 1891, não tem descendentes. **CARLOS** Renaux Júnior, nascido a 16 de julho de 1893, faleceu em setembro de 1917, sem descendência. **PAULO** Renaux, nascido em 1894, faleceu em 1947, tendo deixado cinco filhos. **LUÍS**, nascido em 1895, teve, de seu consórcio, dois filhos. **GUILHERME**, nascido em 1896, teve, de seu casamento, quatro filhos e, finalmente, **SELMA**, nascida em 1898 e casada com o sr. Gommersbach, teve dois filhos. **NETOS**: filhos de **SOFIA RENAUX BAUER**: **Carlos**, nascido em 1905 e falecido em 1909. **Ingeborg**, nascida em 1907, casada com o sr. Mueller Hering, tem uma filha.

Rodolfo, nascido em 1909, tem quatro filhos. **João Carlos**, nascido em 1910, não tem descendentes. **Curt**, nascido em 1912, faleceu em 1924. **Margit**, casada com o sr. Wetzel, tem dois filhos. Filhos de **MARIA RENAUX BUECKMANN**: **Érico**, nascido em 1906, possui, do seu casamento, seis filhos. **Hildegard**, casada com o sr. Lindgens, nasceu em 1911 e não tem descendentes. Filhos de **OTTO REGINALDO RENAUX**: **Waldemar**, nascido em 1910, faleceu em 1919 e **Rolando**, que do seu casamento tem duas filhas. Filhos de **PAULO RENAUX**: **Herbert**, nascido em 1914, tem duas filhas. **Ivo**, nascido em 1917 e falecido em 1949, deixou três filhas. **Carlos Cid**, nascido em 1920, tem dois filhos, **Norberto**, nascido em



Por ocasião de uma viagem à Europa, em 1858, o dr. Guilherme Renaux, em companhia de sua filha Ruth Ivone e do revmo. padre Walter Hofer S.J., foi recebido em audiência particular por S.S. o Papa Pio XII, de gloriosa memória. S.S., na ocasião, abençoou tôda a fahmília Renaux, a quantos colaboram, como operários ou auxiliares, nas suas emprêsas, a todos os operários e industriais de Brusque e do Brasil. É dessa audiência a fotografia acima.

1933 e **Marly**, nascida em 1936, não tem descendentes. Filhos de **LUIZ RENAUX: Adalberto**, nascido em 1920 tem quatro filhos, **Gilda**, tem, igualmente, quatro filhos. Filhos do Dr. **GUILHERME RENAUX: Ingo**, nascido em 1925, tem três filhos. **Ilka**, nascida em 1926, tem seis filhos, **Ruth Ivone** e **Gabriele** não tem descendentes. Filhos de **SELMA RENAUX GOMMERSBACH: Karl**, nascido em março de 1921 e **Gerd**, nascido em dezembro de 1932, ambos sem descendentes. **BISNETOS: Avany Mueller Hering**, filha de Ingeborg Maria Bauer, nascida em 1919. Filhos de Rodolfo Renau Bauer: **Carlos Augusto**, nascido em 1951, **Liliane**, nascida em 1953; **Ruy Rudy**, nascido em 1955; e **Sofia Madalena**. Filhos de Margit Bauer Wetzell: **Rosemarie**, nascida em 1937, casada com o sr. Meyer. **Júlio**, nascido em 1949. Filhos de Erich Walter Bueckmann: **Maria Eugênia**, nascida em 1934, casada com o sr. Metz; **Karin**, nascida em 1939. **Rolf Dieter**, nascido em 1940; **Walter**, nascido em 1952; **Marlene**, nascida em 1955 e **Thomas**, nascido em 1959. Filhos de Rolando Renau: **Astrid**, nascida em 22 de dezembro de 1940 e **Ma-**

ria Luiza, nascida em 30 de setembro de 1946. Filhas de Herbert Carlos Renau: **Lígia**, nascida em 1942 e **Iris**, nascida em 1944. Filhas de Ivo José Renau: **Sílvia**, nascida em 1944, **Maria Cristina**, nascida em 1946 e **Viviane**, nascida em 1946 (gêmeas). Filhos de Carlos Cid Renau: **Gilberto** e **Carlos**, gêmeos; nascidos em 1943. Filhos de Adalberto Renau: **Arnaldo**, nascido em 1948; **Luís Carlos**, nascido em 1950; **Paulo**, nascido em 1954; e **Dagmar**, nascida em 1957. Filhos de Gilda Renau Wanderley: **Sônia**, **Luis**, **Lêda**, **Léa**, nascidos, respectivamente, em 1948, 1950, 1951 e 1956. Filhos de Ingo Arlindo Renau: **Juliano**, **Marina** e **Marcos**, nascidos, respectivamente, em 1951, 1952, 1954. Filhos de Ilka Renau Niemeyer: **Alvaro Thomas**, nascido em 1948, **Mônica**, nascida em 1949; **Oscar**, nascido em 1950; **Ernesto**, nascido em 1952, **Paulo**, nascido em 1956 e **Conrado**, nascido em 1960. **TRINETOS: Filhos de Avany Mueller Hering: Margaret, Ruy e Marcos Mueller Hering.** Filha de Maria Eugênia Marga Metz: **Juliana Metz**, nascida em 1957. Ao todo, setenta e sete descendentes, dos quais apenas nove falecidos.



NESTE ano, a 22 de agosto, transcorre o centenário da fundação da “Kranken-Unterstuezung Verein”, de que se originou o atual hospital municipal de Blumenau. É uma data que não deveria passar sem a devida comemoração.

“Blumenau em Cadernos”

MENSÁRIO DEDICADO A HISTÓRIA E AOS INTERESSES
DO VALE DO ITAJAI

Assinatura (12 números) Cr\$ 120,00

Número avulso Cr\$ 15,00

Administração e responsabilidade de **LUIZ FERREIRA DA SILVA.**

Tôda correspondência deverá ser dirigida a

Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA

OS VON BUETTNER

A família von Buettner, por ocasião do violento fervor religioso da rainha católica Maria, filha de Henrique III e de Catarina de Aragão, que subiu ao trono em 1553-1558, abandonou a Inglaterra refugiando-se na Alemanha. Antes da fuga, a família se chamava Butler. Alteraram o nome para Buettner por conveniência política. Segundo documentação epistolar da autoria de Adolf Eduard von Buettner (nascido em 6-10-1810 e falecido em 24-6-1852) fixou residência em Stettin tendo outras famílias preferido a cidade de Braunschweig para nela se estabelecerem.



Oswaldo von Buettner é dos mais distintos representantes de ilustre família de industriais brusquenses. Nasceu a 30 de junho de 1881, em Brusque, filho de Eduardo von Buettner e Albertina Burrow von Buettner. Fez os estudos preparatórios em sua terra natal, depois do que passou a trabalhar em companhia do pai, na casa comercial deste. Foi, depois, por vários anos, viajante da firma de Fritz Engel, do Rio Grande do Sul. Mais tarde, trabalhou por conta própria, no Rio de Janeiro e como auxiliar da firma Hermann Stoltz. Entrou afinal, para a fábrica fundada por seu progenitor, da qual foi o diretor presidente até 1953, quando se recolheu ao "OTIUM CUM DIGNITATE".

Um irmão de Adolf Eduard von Buettner, Ferdinand von Buettner, que era médico de Regimento, se transferiu da Alemanha para a América do Norte.

Adolf Eduard von Buettner faleceu (1852) na propriedade da família, situada em Leukowitz nas proximidades de Krakau-Galícia, em consequência de agudo reumatismo nas articulações, deixando, enlutados, a esposa, Condessa Maria Poninska e os filhos Apolônia e Eduardo.

A viúva, Condessa Maria Poninska von Buettner, filha do Conde Augusto Poninsky e da Condessa Otilie zu Dohna-Poninska, nasceu no castelo de seus progenitores, Sieben Eichen (sete carvalhos) em Schlesien, em 10 de novembro de 1819. No mesmo castelo reside, atualmente,

Anastácia, a provável filha do último Czar da Rússia. Veio ao Brasil influenciada pela propaganda que fazia do país o Barão von Schneeberg. Viajando num veleiro chegou a São Francisco do Sul, no ano de 1856, em companhia de sua irmã mais velha, a Condessa Constância Poninska e de seus filhos Apolônia e Eduard. Eduard contava apenas 11 anos de idade por ocasião da viagem. Subiram até Joinville. Foi a família que trouxe para a região os primeiros móveis estofados.

A Condessa Constância Poninska, dama de honra do "Luizen-Orden" (Ordem de Luiza) nasceu em 1789, tendo falecido aos 89 anos de idade, em 1878 portanto, na cidade de Blumenau.

Maria Poninska von Buettner, aplicando seus bens, fundou, com o snr. Goeldner (conhecida família de Florianópolis), uma fábrica de charutos. Não foi bem sucedida a empresa e nisso perdeu ela toda a sua grande riqueza. Amargurada e doente, faleceu ela em 6-6-1864 aos 45 anos de idade, na localidade de São Pedro de Alcântara.

Enlutada e em precárias condições de vida, interessou-se Apolônia (também conhecida por "Loeny") pela nomeação para o cargo de professora em São Pedro de Alcântara. Conseguiu-a e mais tarde, a convite do Dr. Blumenau, mudou-se para a sede da colônia que este fundara continuando, aí, a dirigir uma escola. Muito estimada e benquista pelos alunos, foi, por diversas vezes, homenageada por eles. Tinha como adjuntas as professoras Dna. Margarida Freygang e Dna. Else Gaertner. A snra. Else Gaertner ainda é viva. E' casada e reside em Buenos Aires. Em Blumenau, Apolônia contraíu núpcias com o snr. Guilherme Schefer. Do consórcio não resultaram filhos. No ano de 1894, (22-11-1894) após 33 (trinta e três) anos de magistério, requereu aposentadoria. Pouco tempo depois, falecia o marido, pelo que ela transferiu sua residência para Brusque, indo morar em companhia da família de seu único irmão Eduard. Faleceu em 24-2-1929, aos 86 anos de idade, em Brusque. Os seus restos mortais foram sepultados em Brusque e se encontram atualmente na catacumba particular da família von Buettner onde também descansam os corpos da Condessa Maria Poninska von Buettner e da Condessa Constância Poninska.

Eduard von Buettner estabeleceu-se com o snr. Luiz Sachtleben em Blumenau, abrindo eles em sociedade uma casa de secos e molhados. Casou aos vinte anos de idade, com Albertina Burow, de procedência alemã (Pommern). Mais tarde, tendo já na pessoa de seu filho mais velho, um auxiliar, mudou-se para Brusque onde se estabeleceu por conta própria.

Abriu uma fábrica de bordados (cortinas de filó). Tanta foi a boa fama que tais cortinas obtiveram, que o palácio do governo, no Rio de Janeiro, foi com elas guarnecido. Este ramo de indústria, aos poucos se transformou numa grande indústria de cortinas, que hoje se especializou no fabrico de tecidos de modo geral, mosquiteiros de filó, guarnições de mesa, estampadas, e tecidos de revestimento de móveis estofados. Os citados produtos são largamente difundidos pelo Brasil inteiro.

Eduard, por diversas vezes, tomou parte na vida pública de Brusque, notadamente no setor educacional. Enquanto isso, a jovem indús-

IRMÃ ALUYSIANIS

De uma artigo elaborado pelo nosso amigo, sr. Frederico Kilian, sôbre o cinquentenário do Hospital Santa Isabel, de Blumenau, extraímos êstes trechos, relativos à atuação da revma. Irmã Aluysianis em



“Vim, para Blumenau, esperançosa de cumprir o meu ideal de servir a Deus e ao povo, como enfermeira.

Isso só foi possível, graças à compreensão e à colaboração geral.

Vi crescer Blumenau e seus filhos, nestes últimos quarenta anos, compartilhando do seu sofrimento e, também, das suas alegrias.

É por isso que aceito, emocionada, êste título por demais honroso, que acabais de me conferir.

Humildemente agradeço às autoridades e ao povo, pedindo a Deus forças para continuar trabalhando por Blumenau”.

(Palavras proferidas pela Irmã Aluysianis, ao lhe ser conferido o título de Cidadã Blumenauense).



prol do progresso e do engrandecimento daquele nosocômio: “Uma figura marcante, sem dúvida a mais importante de tôda a história do hospital Santa Isabel, quero ainda mencionar rapidamente, já que não é possível relatar no espaço que me foi reservado, a atuação de todos os que têm trabalhado, abnegadamente, no mesmo hospital. Refiro-me à veneranda pessoa da Irmã Aluysianis.

Nasceu ela no dia 29 de agosto de 1893, em Bochohl, na Alemanha, uma cidade próxima à fronteira com a Holanda. Em 1914, diplomou-se

tria continuava em franco progresso. A 29 de outubro de 1902, Eduard veio a falecer.

A viúva, Albertina von Buettner, com os seus filhos Edgar, Maria, Arthur e Oswaldo, continuou a desenvolver a indústria que hoje existe sob o nome de Buettner S. A. Ind. e Comércio.

Os filhos do casal são: Edgar, Maria, Arthur, Oswaldo, Erna e Walli.

Na empresa Buettner S. A. Indústria e Comércio, continua ainda hoje como diretor, o snr. Oswaldo von Buettner, com a idade de 79 anos.

como enfermeira dos médicos professor Bier e professor Sauerbruch, médicos mundialmente famosos que clinicavam em Berlin. Quando irrompeu a primeira guerra mundial, seguiu como enfermeira para o front russo, onde prestou inestimáveis serviços nos hospitais militares. Foi, por êsse tempo, que sofreu um pequeno acidente, ferindo-se na palma da mão esquerda, ferimento que, muitos anos mais tarde, obrigou-a a se submeter a uma intervenção cirúrgica e de sacrificar o seu ante-braço para salvar a vida. Terminado o conflito europeu, ingressou, em 1919, na Congregação das Irmãs da Divina Providência, disposta a dedicar tôda a vida ao serviço da caridade cristã. Por determinação dos superiores, veio, em 1920, para o Brasil, em companhia do doutor Jungbluth, a fim de prestar seus serviços no Hospital Sta. Isabel. Nêste, instalou, com o mesmo médico, o primeiro aparelho de raios X, o mais moderno da sua época e o primeiro existente no Estado, e que ela mesma operava, visto como havia feito um curso de especialização, na Alemanha, além de assistir às operações, demonstrando sempre grande capacidade. A êsse tempo, o hospital contava, apenas, com 20 leitos. Hoje dispõe de mais de 300. Pode-se dizer que essa evolução maravilhosa foi orientada e impulsionada pela capacidade de trabalho e pela aptidão e espírito de organização da Irmã Aluysianis. De 1928 até 1933 foi ela diretora do Hospital e superiora das Irmãs ali residentes. Em sua gestão veio dirigir o hospital o dr. Alfredo Hoess e, também por inspiração sua, outros facultativos e operadores de nomeada vieram prestar seus serviços ao conhecido nosocômio. Dotada de inesgotável parcela da abnegação, amor ao próximo, caridade, zêlo apostólico e operosidade, foi e continua ela a ser uma excelente auxiliar dos méedicos. Em 1948, tendo se agravado, súbitamente, a velha lesão da mão esquerda, procurou a Irmã Aluysianis, recursos médicos em Pôrto Alegre, uma vez que o dr. Hoess a aconselhara se submetesse a tratamento numa clínica especializada. Lá, entretanto, pretenderam amputar-lhe não apenas a mão, mas todo o braço e uma parte da clavícula. Diante de tal prognóstico, Irmã Aluysianis, cuja operação já havia sido marcada para o dia seguinte abandonou a clínica e veio para Blumenau, disposta a morrer aqui. Implorou, então, ao dr. Alfredo Hoess que tentasse uma operação menos horrível, mesmo que fôsse inútil. Foi, no dizer do próprio dr. Hoess, a operação mais difícil que jamais fizera, pois foi com lágrimas nos olhos que começou. No entanto, foi felicíssimo nessa intervenção cirúrgica, pois conseguiu não só salvar a vida da boa Irmã, como a reduzir ao mínimo a parte amputada, tirando-lhe apenas, a metade do ante-braço esquerdo. Apesar disso, a Irmã Aluysianis continua a prestar os seus serviços inestimáveis ao hospital e à sua direção, como conselheira e supervisora, ao lado da revma. Irmã Superiora, executando, apenas com a mão que lhe resta, todos os trabalhos e até mesmo os mais finos trabalhos de agulha. As qualidades da Irmã Aluysianis e a sua atuação no hospital Santa Catarina merecem ser cinzeladas em folhas de ouro para recordação das gerações futuras. A Câmara Municipal conferiu-lhe, mui justamente, o título de Cidadã Blumenauense. E ela bem merece essa alta distinção, essa prova de reconhecimento, do povo dêste município, representado pela sua edilidade e pelo seu prefeito”.

Memórias de um Colonizador

Henrique HACKER

O engenheiro, que escreve este trabalho, reside, atualmente, em Blumenau, onde continua a exercer a sua atividade, em setores industriais. Dá, nestas linhas, ligeiros dados sobre os muitos empreendimentos em que esteve empenhado e são muito interessantes os dados a respeito da nossa Empresa de força e luz e do povoamento e colonização das terras da bacia do Rio do Peixe.

O Senhor Pedro Cristiano Feddersen, já em 1905, teve a idéia de construir uma Estrada de Ferro Elétrica de Blumenau para o interior, atravessando a Colônia Hanseatica. Ele pediu a minha opinião a esse respeito. Atendendo, dei o conselho de deixar essa idéia de usar eletri-

Henrique Hacker, de quem se fala neste artigo, nasceu em 21 de maio de 1881. Veio para o Brasil em 1904 contratado pela firma Hauer Júnior & Cia., já extinta. Desenvolveu grande atividade no setor da colonização do Estado de Santa Catarina, principalmente na zona leste, no vale do rio do Peixe. Foi um dos desbravadores da zona do ex-contestado, onde auxiliou a fundação de núcleos populacionais e, dessa forma, o desbravamento e a cultura de terrenos ricos e próprios para a agricultura.



dade, como meio de tração, e recomendei muito tratar desde já a realizar uma Estrada de Ferro, com locomotivas a vapor, pois, naquela época, ainda não tinha bastante movimento que justificasse a tração elétrica, que pode ser econômica só quando há trânsito contínuo.

Alguns anos mais tarde, em 1914, foi projetada a Usina Elétrica do SALTO WEISSBACH com a colaboração espiritual e moral do saudoso Snr. Cristiano Feddersen em Blumenau. O meu irmão, Hans Hacker, como sócio da firma Bromberg, Hacker & Cia. de São Paulo, começou a construir, com recursos particulares, a Usina, aonde as velhas máquinas ainda hoje trabalham. Era a nossa intenção desenvolver industrialmente toda a zona do Vale do Itajaí, fornecendo nós às indústrias existentes e a constituir força motriz, motores, transformadores, máquinas etc. e participando desse modo na formação de capitais para diversas indústrias. O meu irmão faleceu, em janeiro de 1915, em Blumenau, em consequência de um acidente mortal. No livro do "Centenário de Blumenau", página 202 fica documentado que toda a instalação da Usina foi

executada com recursos e capitais exclusivos da firma mencionada. Devido à morte do Engenheiro, Hans Hacker, tornou-se necessário garantir o capital gasto, por um empréstimo hipotecário, montando em 1.831.113,21 marcos alemães e Rs. 219:244\$600 moeda nacional, que hoje valeriam também Cr\$ 3.300.000,00. O Plano primitivo inicial não mais foi executado. Aqui deve-se mencionar que a EMPREZA FÔRÇA E LUZ SANTA CATARINA S/A — Blumenau, que em maio de 1920 foi constituída, somente com auxílio de capitalistas, amigos nossos paulistas, pôde ser fundada; influência principal nessa transação teve o então Presidente de São Paulo, dr. Altino Arantes, junto com outros elementos, que já tinham adquirido o material inteiro para as Usinas Elétricas em São Paulo, da nossa firma. O ilustre dr. Altino Arantes me convidou em fins de 1919, para trabalhar em São Paulo, o que foi o motivo pelo qual me mudei com a família, ainda em 1919, de Pôrto União para São Paulo.

A minha firma **Henrique A. Hacker & Cia.**, com séde em Carazinho — foi a primeira sociedade que, desde 1910, exportou, em larga escala, madeiras beneficiadas para as Repúblicas Platinas, depois de muitos esforços e sacrifícios. Em virtude da Ia. conflagração mundial, a minha firma entrou na Lista Negra e não conseguiu vagões para dar saída às nossas madeiras que, em quantidades de centenas de vagões, foram empilhadas ao longo de 4 estações, no município de Passo Fundo. O Estado de Santa Catarina aproveitou a nossa propaganda e penoso trabalho inicial, com grandes vantagens até à presente data, ganhando centenas de milhões de cruzeiros no decorrer do tempo.

Sob a firma **H. Hacker & Cia.** comecei, em 1915, como o mais antigo colonizador no vale do Rio do Peixe a fundar várias colônias; já em 1915, fundei a colônia BOM RETIRO hoje Lucerna; Herval, 5 km. distante do Bom Retiro, que era um lugarejo de poucas casas de madeira, transformou-se em Cruzeiro e mais tarde em Joaçaba. Em frente de Joaçaba, comprei grandes áreas do sr. dr. Henrique Rupp Junior, formando a colônia "CORONEL RUPP"; logo em seguida, comprei, ao lado esquerdo do Rio Timbó, afluente do Rio Iguaçu, mais ou menos 9.000 alqueires, fundando as colônias São Pedro e Santa Cruz (hoje CAÚNA). Naquê tempo, já me tinha mudado do Rio Grande para PÔRTO UNIÃO. Naquela época (1917 - 1919) organizei o serviço bancário no interior do nosso Estado e com auxílio de Bancos do Rio Grande do Sul, tornei-me também Sub-concessionário das Concessões de Terras da Estrada de Ferro São Paulo — Rio Grande, que, naquê tempo, pertencia ao Sindicato Farquarth, firma americana. Por minha iniciativa, vieram se estabelecer milhares de boas famílias de colonos do Rio Grande e do Estrangeiro. Naquê tempo, mantive navegação com 3 lanchas a motor, entre as sédes das colônias e Pôrto União; forneci, gratuitamente, touros de pura raça holandesa e reprodutores suínos para melhorar a indústria animal.

Sustentei nas minhas colônias, escolas e construí, por conta de minha empresa estradas de rodagem de grandes extensões e pontes. Mais tarde, (1916), adquirei terras ao lado direito do Rio Timbó — a colônia

(Conclui na página 157)

13.º - PAULO ZIMMERMANN (1915 a 1923)

A administração Paulo Zimmermann, foi sem dúvida alguma, uma das mais profícuas e inteligentes que Blumenau já teve. Homem de espírito de iniciativa e de alguma cultura, modificou os métodos administrativos que vinham sendo seguidos, desde a instalação do município, e que consistiam, antes, em manter completo equilíbrio financeiro, absoluto respeito aos orçamentos, do que os saques sôbre o futuro, o govêrno à base do crédito administrativo.

Homem de idéias mais arejadas, concebeu e executou obras para a remodelação da cidade, então ainda com caráter nitidamente colonial, sem calçadas, sem alinhamentos apropriados, reduzida, praticamente, a uma única rua poeirenta e estreita. Abriu estradas novas no interior da colônia, rasgou a atual rua 7 de setembro, paralela à rua 15, decretou

a obrigatoriedade da construção de calçadas, macadamizou a rua principal, alargou o perímetro urbano, estendendo-o até Itoupava-Sêca, cuidou com muito interêsse do prolongamento das estradas da serra, entre Trombudo e Poço Redondo, entre Mammônia e Lontras. Muitos outros benefícios podem ser levados à conta do seu zêlo e interêsse pelo engrandecimento de Blumenau.

Conforme já vimos, quando tratamos das administrações anteriores, a política blumenauense, à época da eleição de Zimmermann, vivia em constante efervescência ativada por paixões partidárias estremadas. Os dois jornais apareciam semanalmente, repletos de invectivas, de ataques pessoais, de descomposturas de um partido a outro. Paulo Zimmermann, prestigiado pelo chefe político Pedro Feddersen, conseguiu depois de muitos esforços, a pacificação, assumindo, êle próprio a presidência do diretório, do qual faziam parte também Alvin Schrader, Júlio Probst, Max Hering, Paulo Husadel, Luís Abry e Victor Konder. A candidatura de Paulo Zimmermann ao govêrno do município, foi lançada no dia 24 de maio de 1914, no salão Paupitz, em Passo Manso, sob acaloradas discussões, dando-se, assim, início à campanha pela superintendência, campanha que foi das mais apaixonadas e violentas. Seu competidor foi Luís Abry que também possuía apreciável bagagem de serviços pres-



tados à coletividade blumenauense. Zimmermann elegeu-se por considerável maioria: 1.169 votos contra 671 dados a Luís Abry. Assumiu o governo a 2 de janeiro de 1915.

Paulo Zimmermann nasceu em Blumenau a 23 de julho de 1862 e aí fez seus estudos. Agrimensor prático, tomou parte em várias explorações e construções de estradas, como, em 1906, da que atualmente liga as cidades de Rio do Sul e Ituporanga, cujo começo de construção se deu em 1908. Era filho de Gustavo Zimmermann, imigrado em Blumenau em 1859, juntamente com seu padasto, o alferes Julio Sametzki, um dos veteranos da guerra do Paraguai. Paulo Zimmermann, pelo seu casamento com dona Gení Jensen, ligou-se a outra tradicional família blumenauense, tendo residido em Itoupava.

Antes de eleito superintendente, exerceu vários outros cargos estaduais e municipais, tendo sido delegado de polícia, vereador e suplente do superintendente, nessa qualidade, estado à frente dos negócios do município em dias de março de 1911. Reeleito, sem competição, para o quadriênio seguinte, veio a falecer no exercício do cargo a 9 de maio de 1923, tendo sido sepultado no cemitério evangélico desta cidade. Integravam, então, o município de Blumenau dez distritos: sede, Gaspar, Indaial, Hammônia, Bela Aliança, Encruzilhada, Rodeio, Ascurra, Massaranduba e Timbó.

Com o inesperado falecimento de Paulo Zimmermann, assumiu o governo do município o industrial Curt Hering, como seu substituto legal e que, nas eleições seguintes, foi eleito para completar o terceiro quadriênio para o qual o falecido superintendente havia sido novamente escolhido. Governou, assim, Paulo Zimmermann o nosso município durante quase nove anos com muito zelo e eficiência, assegurados por um ambiente de paz e tranquilidade de que soube se cercar pela sua tolerância e habilidade políticas.



CERTA senhora, com bem limitado vocabulário em português, ao pedir uma empregada a uma certa intermediária, havia dito que queria uma moça da colônia, subentendendo que esta falasse o alemão. A intermediária, por sua vez, ligou à exigência a robustez da empregada solicitada e apareceu com uma negrinha de boa estatura e bem reforçada.

No discutir-se o mal-entendido, disse a negrinha que falar mesmo, ela não falava o alemão, mas entender, isso sim!, ela entendia quase tudo.

Contratada a negrinha, ela não entendia patavina do alemão e nem mesmo as explicações da patroa no seu português em que os verbos só tinham a forma da terceira pessoa do singular etc., devendo chamar, continuamente, uma pessoa da família para servir de intérprete. Quando esta pessoa, aborrecida com as constantes importunações, recriminou a negra de ter mentido, ela mencionou uma pessoa que falava um português bem mais fluente, alegando que “do alemão” de dona Fulana ela compreendia quase tudo, mas que do “alemão” da atual patroa ela não entendia nada.

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

Christiana Deeke **BARRETO**

ABRIL DE 1960

Nos dois postos de recepção de donativos para amparar às vítimas do flagelo das inundações no norte do país, arrecada aquêlê organizado pela paróquia, principalmente dinheiro, atingindo a importância de Cr\$ 70.050,00, enquanto o outro, formado por iniciativa do Lions Clube, em cooperação com a Tac-Cruzeiro, que põe à disposição transporte gratuito até 500 quilos, encaminha os donativos arre-

cadados, consistindo, mórmente, em agasalhos, roupas usadas etc., diretamente ao Lions Clube de Fortaleza.

2 — Inaugura-se mais uma escola municipal, no bairro de Itoupava-Sêca, anexa esta ao Asilo dos Velhos, onde funcionará sob o nome "General Olímpio Mourão", iniciativa que se deve, principalmente, ao Vereador Dr. Bernardo W. Werner.

2 — Hospeda Blumenau o renomado compositor da música

Memórias de um colonizador

(Conclusão da página 154)

FRANCONIA — em frente da colônia São Pedro, e comecei a povoar essa zona, subdividindo-a e parcelando-a.

Em virtude da interferência do engenheiro Joaquim Breves Filho, nas terras da colônia Francônia, e dos entraves, por êle opostos, aos meus trabalhos, situação que sômente mais tarde foi solucionada pelo inventor general Ptolomeu de Assis Brasil (1931) abandonei a tarefa de colonizar, vendendo as terras pertencentes à firma e à mesma concedidas (com exceção, naturalmente, das terras de Francônia). Os meus sucessores foram as firmas Mosele, Eberle, Ghilardi & Cia., e Ahrons, Eberle & Cia. as quais adquiriram novas terras, que foram colonizadas, como as de Concórdia, hoje município.

Pelo meu trabalho de colonização, contribui muito para a pacificação do "EX-CONTESTADO" e o movimento dos "Fanáticos" — Jagunços e basta lembrar que o próprio Governo do Rio Grande do Sul, oficialmente, recomendára aos colonos riograndenses de não se mudarem para Santa Catarina, aonde, conforme se alegou, não existia ordem, nem segurança. Não era fácil o trabalho no comêço, tanto no ramo de exportação de madeiras como no plano da colonização; a concorrência usou de todos os meios ilícitos e condenáveis para atrapalhar, de modo que tive de entender-se, pessoalmente, com o sr. Presidente, dr. Borges de Medeiros, com o Rev. Superior dos Padres Jesuitas, em Pôrto Alegre, e também com o Senhor Governador, dr. Hercílio Luz; isto foi há 40 anos atrás. Hoje, são outros que colhem fartamente aonde não semearam.

A produção anual das zonas por mim encaminhadas e iniciadas monta em centenas de milhões de cruzeiros e também os impostos arrecadados anualmente importam em grandes quantias.

popular, Aldo Cabral, autor de "Boneca", "Teus ciumes", "Brasil", "Despedida de Mangueira" etc.

4 — Falece a Senhora Irma Gaertner, filha do Cel. Pedro Cristiano Feddersen, marcante figura da vida econômica, social e política do nosso município, que o elegeu representante para o legislativo municipal e estadual. Da. Irma era viúva do saudoso cidadão Victor Gaertner, cuja família teve méritos no setor cultural da nossa comuna, desde os primeiros membros aqui chegados, Srs. Reinhold Gaertner e Victor Gaertner Junior, sobrinhos do Dr. Blumenau.

5 — É noticiada a transferência do comando do 23.º R. I., pelo Cel. Wolfgango Teixeira Mendonça, designado para servir no gabinete do Ministério de Guerra em Brasília, ao Ten. Cel. Heitor Silveira Vasconcelos, que vinha exercendo o sub-comando daquela unidade.

6 — Outra transferência é noticiada, referente à pasta da Secretaria da Fazenda do Estado, onde reassume o cargo o blumenauense Sr. Hercílio Deeke, que se achava de licença, durante várias semanas, atendendo, neste período, pelo expediente o deputado Laerte Ramos Vieira, secretário do Interior e Justiça.

6 - 12 — Uma denúncia formulada por detentos da cadeia pública, através do noticiário "Repórter Catarinense", contra membros do destacamento policial da nossa cidade, que, por sevícia, teriam ocasionado a morte de um cidadão, preso na noite de 31 de março, por embriaguês e distúrbio num bar da rua São Paulo, revolta a opinião pública e provoca agitação na Câmara Municipal, onde o líder do PSD incrimina o Delegado Regional de Polícia, e o próprio Governo do Estado, como responsáveis pelo ocorrido, caso fôsse comprovado. A exumação e necrópsia do corpo da vítima, — a primeira procedida em nossa cidade, — é assistida, além do Delegado Regional, por alguns médicos, pessoas da família do falecido e populares, como pelo advogado contratado pela família da vítima que, mais tarde, contesta o laudo de necrópsia, que nega a existência de fraturas

e rupturas de órgãos, ou outros sinais de espancamento, dizendo ter o médico legista da Secretaria Pública do Estado examinado apenas partes ílesas do corpo, então já em adiantado estado de decomposição. O jornal "Cidade de Blumenau" traz os depoimentos de algumas testemunhas, que provam a "estúpida agressão" dos policiais, para os quais o Delegado Regional de Polícia pede a prisão preventiva, prendendo-os, já antes do despacho do juiz da vara do crime, entretanto (publicado em "A Nação"), nega esta providência, por falta de comprovantes, de ter ocorrido a morte em consequência de espancamento, tendo os médicos do SAMDU, para cujo pôsto fôra levada a vítima, (Norberto Horn, residente em Guaramirim), no dia 1 de abril, em estado de coma, com acentuados indícios de alcoolização, atestado "mal súbito" no exame do doente, como, horas depois, no exame cadavérico, não acusando, da mesma forma, o laudo da necrópsia lesões no cadáver da vítima.

7 — É noticiada a admissão, na direção dos trabalhos de Raio X, no Hospital Santo Antônio, do benquisto médico Dr. Afonso Rabe, especialista em doenças pulmonares, que vem de se aposentar de suas funções, exercidas durante longos anos, no Centro de Saúde da nossa cidade.

7 — A polícia, prendendo, em flagrante, um indivíduo ao arrombar a fechadura da porta de uma casa comercial, julgou, inicialmente, tratar-se do assaltante "mascarado", que, agindo de máscara e revólver em punho, forçou a entrega do dinheiro de diversas vítimas. No decorrer do interrogatório, entretanto, surgiram dúvidas, tendo, na acareação com os assaltados, só alguns afirmado reconhecer no preso semelhanças com o físico do estorquidor perigoso.

10 — Domingo de Palmas. Da comunhão geral dos homens, na Matriz de São Paulo Apóstolo, participaram mais de dois mil comungantes. Na igreja evangélica do Espírito Santo, da comunidade da Sede, procede-se à confirmação e primeira comunhão dos adolescentes do ano. Na quinta e sexta fei-

ra santa há as respectivas cerimônias, nas igrejas dos diversos credos, da nossa cidade, participando, à noite, da procissão de "Senhor Morto", acompanhantes calculados em seis mil pessoas, assistindo, outras tantas, o cortejo sacro da beirra da calçada.

17 — Páscoa. Além das costumeiras solenidades religiosas e festividades sociais, realiza-se na nossa cidade, a 7.^a Exposição Canina, à qual comparecem expositores do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, além dos locais, alcançando êste certame cinófilo pleno êxito.

18 — Viajando na plataforma do comboio de passageiros, procedente de Trombudo, o jovem Jaime Gonçalves, de 14 anos de idade, residente no bairro de Fortaleza, da nossa cidade, perdendo o equilíbrio, é jogado para fóra do vagão, perto da ponte sôbre o rio Encano, município de Indaial, sofrendo, em consequência de fratura do crânio, morte instantânea.

21 — Integrando-se no regosijo pela inauguração de Brasília, capital bandeirante do Brasil, realizaram-se festividades esportivas e sociais, entre estas, animados bailes nos clubes Tabajara e Marabá. Na Matriz de São Paulo Apóstolo há missa vespertina em ação de graças.

23 — O Dr. Júlio Zadrozny, industrial da nossa cidade e presidente da ACIB (Associação Comercial e Industrial de Blumenau), eleito pela região geográfica do Vale do Itajaí para representante junto ao POE, (Plano de Obras e Equipamentos do Estado), visita os municípios onde estão sendo executadas obras com verbas do referido plano, nos municípios de Ibirama e Rio do Sul, tendo observado, in loco, os respectivos serviços, declarando-se impressionado com o traçado das rodovias em construção, prometendo envidar todos os esforços possíveis para uma rápida conclusão das obras tão necessárias à economia da região.

Em pleno bairro urbano de Itoupava-Sêca, na movimentada rua

São Paulo, encontram-se moradores, ao abrirem a porta de uma residência, frente com um tamanduá. Recolhido ao galpão nos fundos da casa, entrega-se o estranho visitante logo aos braços de Morfeu. No dia seguinte é levado ao morro Spitz kopf, ao parque florestal de refúgio de aves e mamíferos da região, onde o Sr. Udo Schadrack, um dos proprietários, lhe ofereceu asilo.

23 — A firma Armando Liberato instala um novo serviço de britagem sob o nome "Granito Azul".

23 — Em benefício da construção de uma igreja católica, no bairro de Itoupava-Norte, realizam-se festejos populares, que revertem no lucro líquido de Cr\$ 254.942,00.

25 — "Dia do Contabilista", é comemorado solenemente, com um jantar de confraternização no C.N. América, com a presença, também, de profissionais do elemento feminino.

27 — Espalha-se, na cidade, a notícia da captura do assassino Emilio Martins, dentista estabelecido com gabinete dentário no bairro da Velha, até 1955, quando, (no dia 9 de maio), assassinou, naquêlle local, o seu amigo Nemo Packer, de Rodeio, esquartejando-o, em seguida. Surpreendido pela Polícia, ao metê-lo dentro de uma mala, fugiu para um matagal, nos fundos da casa, onde foi prêsso, encontrando-se dias depois, o dinheiro roubado à vítima, na importância de mais de cem mil cruzeiros. Da cadeia pública conseguiu fugir, meses depois, homisiando-se, após andanças por vários Estados do país, em Curitiba, onde foi prêsso agora, tendo chegado a Blumenau no dia 28, onde o fato entra em pauta na imprensa falada e escrita, despertando o interêsse público as revelações de que êle, calmamente, disfarçado por bigodes e dentes extraídos, anteriormente já estivera de volta a Blumenau, passando, de carro, pela rua Quinze de Novembro.

29 — Inicia-se, no Teatro Carlos Gomes, um Curso de Psicologia, patrocinado pelo SESI, funcionando sob a direção do sr. dr. Vilhena de Moraes e assistência da Sra. Ailza Barbosa de Araújo, (assistente social), que consegue matrícula fortemente concorrida.

30 — No Teatro Carlos Gomes tem lugar uma noite de arte, com a formatura dos alunos de acordeon Beckhauser, diplomando-se, no "Curso de Aperfeiçoamento e Interpretação" de acordeão: Marly Beckhauser e Ragna Pfuetzenreuter; — no "Curso de Teoria e Fôlego": Denise Chatagnier, Maria Júlia Luz, Nely Suely Leven, N. Isa-

bel Walendonosky e Werner Arnold, paraninfando os diplomandos o dr. Júlio H. Zadrozny, sendo homenageados de honra o prof. Oscar Beckhauser e patrona a sra. Blandina Steiner Beckhauser.

Desde a primeira década do mês, a temperatura declinou para 11 a 12 graus, de madrugada, subindo, ao sol do meio dia, a 17 ou 18 graus. O verão, sobremaneira benigno, nos meses de janeiro e fevereiro, esgota-se em calor forte durante o mês de março, quando, porém, as noites já refrescaram, o que não acontece, quando ocorre o calor forte durante os dois primeiros meses do ano.



EM 1863, o doutor Blumenau elaborou um regulamento pelo qual deveria reger-se a colônia que fundara e de que era diretor. Uma espécie de constituição que, oportunamente, reproduziremos nas páginas destes "Cadernos". Esse trabalho, entretanto, custou ao fundador meses de trabalho e canceiras, conforme se vê deste ofício, datado de 2 de outubro daquele ano:

"Tenho a honra de acusar o aviso-circular de V. Excia. de 9 do mês passado, que me exige a cópia das instruções que, provisoriamente vigorarão em esta colônia e indicações e aditamentos, que me parecerem mais convenientes e eficazes, cumpre-me dizer que não me esqueci da ordem verbal da V. Excia. a tal respeito e muito me ocupei com tal trabalho desde há alguns meses. Por sua natureza carece, porém, de mais madura e repetida reflexão, para sair algo aproveitável e satisfatório e não podendo dedicar a êle com o repouso e a continuação, de que a minha fraca inteligência, infelizmente, carece, e mesmo avança com lentidão. A maior parte já a tenho feita, mas para o resto e a memória, que as modificações ou parágrafos que proponho, deverá elucidar, careço, ainda de quatro a seis semanas. Rogo portanto a V. Excia. queira deixar-me ainda algum tempo para êste fim para que não me veja na desagradável necessidade de apresentar trabalho incompleto e feito pela metade. Deus guarde a V. Excia. Colônia Blumenau, 2 de outubro de 1863. O Diretor Dr. H. Blumenau ao Dr. Pedro Leitão da Cunha, dd. presidente da província".



TOMÉ BRAGA, que era cunhado do dr. José Bonifácio da Cunha, é nomeado secretário interino da Intendência Municipal de Blumenau, a 3 de agosto de 1891.



EM 1920, o cinema estabelecido no Salão Holetz, nesta cidade, já funcionava regularmente, apresentando sempre os melhores filmes, geralmente de procedência alemã. A entrada era de 700 réis, ou 70 centavos na atual moeda. Assim mesmo, a frequência não era lá muito grande.

Empresa Industrial Garcia S. A.

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina

Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906/Garcia

Enderêço Telegráfico: "GARCIA

Caixa Postal N.º 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE
TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO
TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA — LEN-
ÇOS — ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS CRE-
TONES E OUTROS TECIDOS

TECELAGEM KUEHNRICH S.A.

FIAÇÃO - TINTURARIA - TECELAGEM - ESTAMPARIA - CONFECÇÃO

Produtos "TEKA"

ESPECIALIZADA EM:

ATOALHADOS — GUARNIÇÕES PARA MESA,
SIMPLES E ADAMASCADOS (JACQUARD) —
XADREZES E ESTAMPADOS — CORTINAS E
ARTIGOS DE FÊLPA, TOALHAS DE ROSTO
E BANHO, ROUPÕES.

BLUMENAU — Santa Catarina

Caixa Postal N.º 59 — Telefone N.º 1347

End. Telegr.: "KUEHNRICH" — Estação Itoupava-sêca.